

Pluralism in economic science or a transitory state toward a new post-neoclassical mainstream?

Pluralismo na ciência econômica ou um estado transitório em direção a um novo *mainstream* pós-neoclássico?

Marcelo de Carvalho Azevedo Anache¹, Luiz da Costa Laurencel^{1,2}, Carlos Benevenuto Guisard Koehler^{1,3}

¹Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro

²Faculdade de Administração e Finanças, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

³Instituto de Química, Universidade Federal do Rio de Janeiro

anache@ufrj.br, luizlaurencel@gmail.com, cbgk@uol.com.br

Recebido: 20/11/2019

Aceito: 8/12/2019

Publicado: 10/12/19

Abstract. *The article initially intends to expose a methodological reflection on the unsuccessful attempt of economic science to find a unique method to constitute its theories. We then address an attempt by the same science to find better explanations for the phenomena it faces. Therefore, the state of the art of mainstream pluralism was seen as an enterprise seeking to give dynamism to the economist's profession and somehow counteract the label of a monism in the area. Finally, it concludes with some observations about a certain eclecticism within the most current approaches, where the great doubt, expressed in the title of this work, remains sub judice.*

Keywords: *Methodology. Orthodoxy. Pluralism.*

Resumo. *O artigo pretende inicialmente expor uma reflexão de natureza metodológica no que concerne a tentativa frustrada da ciência econômica em encontrar um método único para constituir suas teorias. Em seguida abordamos uma tentativa dessa mesma ciência em encontrar melhores explicações para os fenômenos com que se defronta. Portanto, observou-se o estado da arte do pluralismo do mainstream como um empreendimento em busca de dar dinâmica à profissão do economista e de alguma forma contrapor ao rótulo de um monismo na área. Por fim, conclui-se com algumas observações sobre um determinado ecletismo dentro das abordagens mais atuais, onde a grande dúvida, expressada no título desse trabalho, permanece sub judice.*

Palavras-chave: *Metodologia. Ortodoxia. Pluralismo.*

1. Introdução

Ao debulhar as obras dos três luminares da metodologia científica, Karl Popper (1987), Imre Lakatos (1989 [1978]) e Thomas Kuhn (2003 [1962]), é possível concluir que a procura por uma metodologia correta (ou a busca da certeza), o almejado desejo dos pesquisadores de todas as tendências, é uma impossibilidade, mormente para as ciências sociais, especialmente para a economia. No contexto da economia, cada um dos autores citados, fornece pistas para a construção do conhecimento das teorias científicas, sem, contudo, definir uma solução de compromisso ou consensual. Karl Popper pugna por teorias que sejam empiricamente refutáveis, mas seu falsificacionismo é complexo, Lakatos busca um vínculo isomórfico entre a história das ciências e as regras do bom método científico, seu programa de pesquisa, e Kuhn nos propõe o paradigma que relaciona a mesma história e a revolução. Não há um consenso em como avaliar os padrões das teorias existentes quer definir as regras de construção de tais teorias: a demarcação. Decorre que a problemática da demarcação resulta em uma babel, as grandes questões metodológicas permanecendo sem solução, ou melhor, sem solução consensual.

O questionamento do metodólogo da economia era o de encontrar um conjunto de regras estáveis capaz de nortear suas elucubrações e ideias. Vã foi sua tentativa, pois de Bruce Caldwell (1990) a Mark Blaug (1985) as discordâncias só se fizeram aumentar. Não há como definir padrões infalíveis e, no outro extremo abrir mão, totalmente, do aspecto metodológico, além de ser impraticável fazer recomendações políticas sem o devido respaldo do conhecimento subjacente. Como afirmava Samuel Beckett (2010), não basta olhar é necessário saber ver. Uma visão da metodologia econômica recente demonstra que a busca pelo “santo graal”, a metodologia certa, resultou em frustração. De acordo com Hands (2001) não há um “kit metodologia” de ampla disponibilidade pronto para o uso do pesquisador. Haja ou não aceitação, não há hodiernamente uma metodologia una, com regras imutáveis de plena aceitação da miríade de teorias econômicas. Este não é mais um objetivo do metodólogo da economia.

O que tem ocorrido é uma certa fragmentação do debate metodológico. Alguns programas de pesquisa ganham destaque por adotar suas próprias opções ao mesmo tempo em que examinam ideias específicas, renunciando a uma perspectiva de conjunto, onde a crítica sobre os métodos utilizados pela teoria econômica como um todo fica posta de lado. Destacam-se nesse contexto diferentes ramos da economia institucional, a economia comportamental, os evolucionistas e a economia da complexidade, para citar alguns programas de pesquisa mais recentes (BIANCHI, 2011).

É interessante observar que, mesmo abandonando a ambição de uma metodologia totalizadora, não se abriu mão de conteúdos normativos. O que de fato ocorreu foi a busca por uma especialização via alguns dos programas de pesquisa, como os já citados anteriormente. Essa atitude fez reduzir o escopo de investigação do metodólogo. Ainda assim, ele não conseguiu reduzir os problemas e desafios enfrentados. Para Bianchi (2011, p. 127), “(...) quando considera cada programa de pesquisas individualmente, ele percebe que tem sérias questões de método para enfrentar, e que tais questões reproduzem, em sua própria escala, aquelas que a disciplina enfrentava como um todo”.

Portanto, apesar dos esforços, não se encontrou uma solução satisfatória para a busca da metodologia correta. Ou seja, as questões de natureza metodológica que pugnam por um conhecimento seguro, com o fito de apoiar a prática dos pesquisadores, carecem de respostas. Ainda assim, não seria sensato o abandono da pretensão da verdade, já que essa atitude não resolveria nenhum problema. A partir disso, alguns questionamentos podem ser destacados: como chegar a verdade ou até mesmo ter certeza que ela foi alcançada? Se isso é impossível, como conviver com a incerteza de forma profícua?

Assim sendo, pretende-se oferecer em primeiro lugar uma reflexão de natureza metodológica sobre os rumos tomados pela ciência econômica no que diz respeito ao pluralismo do *mainstream*, por considerar a economia como um espaço de pluralidade, de diversidade de teorias e métodos. Ainda assim, é importante ressaltar que esse não parece ser um fenômeno exclusivo desta ciência e, mesmo válido também para as ciências naturais, é nas ciências sociais que a pluralidade é central. Isso não quer dizer que as ciências sociais não são objetivas, mas sim que a pluralidade está associada ao fato de serem construídas por seres humanos. Para explorar esse ponto, elege-se algumas contribuições recentes de metodólogos da economia, que se dispuseram a analisar os rumos dessa disciplina no período mais recente. Dentre eles, pode-se citar: David Colander e colaboradores. (2004) e John Davis (2008). Em segundo lugar, apresenta-se uma conclusão, que compreende os propósitos do debate metodológico apresentado; as suas conotações para o pluralismo, que tem florescido no meio acadêmico em economia nos últimos anos e; por fim, um questionamento sobre o futuro.

2. Estado da arte para o pluralismo do *mainstream*

Há uma discussão considerável, na economia corrente, sobre os possíveis cenários futuros da disciplina. Historiadores e metodólogos, em particular, estão debatendo o chamado “pluralismo do *mainstream*” (DAVIS, 2008), que decorre do crescimento e da coexistência de novos programas de pesquisa em economia que se desviam significativamente do núcleo neoclássico. Outras disciplinas contribuíram ativamente para o nascimento de tais programas (teoria dos jogos evolucionária, economia comportamental, cognitiva e experimental, economia experimental, neuroeconomia e economia da complexidade baseada em agentes), executados por diferentes comunidades de pesquisadores, muitas vezes separadas. É verdade que a economia nunca foi uma disciplina totalmente coesa. Ainda assim, o contraste entre o “pluralismo do *mainstream*” de hoje e as décadas em que muitos economistas importantes do *mainstream* elogiavam a virtude da atitude “imperial” de sua disciplina (construída sobre a força relativa do núcleo neoclássico) é bastante evidente. Nas últimas duas décadas, uma constelação de críticas não necessariamente interconectadas à economia neoclássica produziu, de fato, um número notável de nichos, cada um tentando resolver enigmas científicos específicos usando teorias e métodos distintos. E embora o “pluralismo do *mainstream*” não seja o pluralismo que vários grupos de economistas e estudantes não-mainstream procuraram nas últimas décadas, sua persistência ao longo do tempo pode, pelo menos, fornecer uma condição prévia possível para o advento do (verdadeiro) pluralismo em economia.

Pode-se mencionar a fraqueza da abordagem (neoclássica) (COLANDER, 2000; ELSNER, 2013) como possível explicação da proliferação de nichos, ou adotar uma perspectiva sociológica e afirmar que a criação de nichos pode ajudar a desenvolver uma carreira acadêmica bem-sucedida (BEN-DAVID; COLLINS, 1991). Ainda assim, a economia tinha um forte paradigma, na medida em que a discussão atual sobre a economia *mainstream* pressupõe que seu pluralismo não possa durar indefinidamente. O uso (muitas vezes implícito) de uma perspectiva kuhniana gera facilmente a ideia de que o pluralismo atual é apenas um estado transitório em direção ao advento de um novo *mainstream*, pós-neoclássico, explorando sobreposições e preocupações compartilhadas entre os atuais diferentes programas de pesquisa. Este novo *mainstream* pode descansar, por exemplo, na "visão" das ciências da complexidade, trazendo à conclusão a "revolução" da complexidade (COLANDER et al., 2004); ou na contribuição dos economistas para uma estrutura abrangente, tornando as disciplinas comportamentais finalmente compatíveis entre si, como na proposta de Gintis (2007).

Entretanto, existem algumas singularidades no caráter desse pluralismo do *mainstream*. Colander e colaboradores (2004) argumentam:

Certamente não estamos afirmando que o *mainstream* é sempre pluralista e de mente aberta, disposto a aceitar visões heterodoxas de braços abertos. Longe disso. Eles são humanos e se fixam em suas maneiras de ver as coisas e frequentemente rejeitam pontos de vista alternativos sem lhes dar uma consideração séria. Isso é parte da natureza humana (COLANDER et al., 2004, p. 492).

Essa fraqueza de pluralidade, citada acima, significa que, de muitas maneiras (inconscientes), a elite dominante (*mainstream*) pode suprimir as visões dos economistas heterodoxos. Além disso, eles costumam usar seu método como uma ferramenta para proteger visões que não se encaixam muito bem em seu modo de pensar. O que Colander e colaboradores (2004, p. 492) afirmam é que a “mentalidade fechada da elite *mainstream* é geralmente inconsciente e representativa de quase qualquer grupo que tenha o poder de ser assim, incluindo em suas próprias pequenas esferas muitos economistas heterodoxos”. O que também está se afirmando é que os piores tipos de repressão e intolerância heterodoxa não são levados a cabo pela elite, mas sim por economistas cujas credenciais profissionais são medíocres, pela simples razão de não serem tão imaginativos e criativos quanto a elite.

Nesse ínterim, outras singularidades são encontradas nas diferenças entre *mainstream* e ortodoxia. Uma comparação importante entre essas duas últimas é que os economistas que trabalham dentro do *mainstream* podem encontrar seus pontos de vista em evolução. Por exemplo, eles podem estar trabalhando com uma abordagem específica, mas depois mudam. Considere as expectativas racionais e a nova revolução clássica na macroeconomia. Um dos primeiros criadores de expectativas racionais, Leonard Rapping, modificou significativamente suas opiniões e tornou-se um economista heterodoxo antes de sua morte prematura. Outro exemplo é Thomas Sargent, outra das figuras principais na aplicação de expectativas racionais à macroeconomia. Como resultado da visita ao Instituto de Santa Fe, ele chegou a renunciar a uma visão estrita das expectativas racionais (SARGENT, 1993). Seu trabalho mais recente com Lars

Hansen e outros (HANSEN; SARGENT, 2000) tentou fornecer abordagens quantitativas para lidar com a incerteza Knightiana, e assim ele saiu da ortodoxia, mas permaneceu *mainstream* e está no limite da fronteira da economia (COLANDER et al., 2004).

Portanto, de acordo com a discussão acima, o limite (*edge*) é onde se está buscando inovação na profissão. Se o que funciona no limite (*edge*) é considerado heterodoxo ou *mainstream* vai depender da tendência do economista em pretender fazer parte do *mainstream* existente, e o grau em que ele se contrapõe diretamente, ao invés de criticar suavemente, o trabalho da elite. Deve-se salientar que o trabalho no limite (*edge*) tem seus problemas, especialmente para aqueles cuja tendência é se opor, em vez de trabalhar dentro do campo existente e, portanto, encontrar-se na heterodoxia. Esses enfrentam problemas sociológicos significativos de alcançar a aceitação do *mainstream* estabelecido. Os economistas considerados heterodoxos frequentemente podem encontrar dificuldades em obter financiamento para o seu trabalho, e assim virem a ser excluídos do processo de tomada de decisões em suas universidades. Aqueles que estão no *mainstream* e querem se envolver no limite (*edge*) não têm esse problema sociológico, mas também frequentemente se encontram em desacordo com aqueles que os cercam em algum grau à medida que pressionam contra as fronteiras do *mainstream*.

Por fim, uma outra constatação da dinâmica que ocorre dentro da profissão dos economistas, apresentada por Colander e colaboradores (2004), pode ser observada nas abordagens do estudo de complexidade. No final da década de 90, o *mainstream* aceitou muitos dos métodos e abordagens associados à abordagem da complexidade (economia experimental, economia comportamental e dinâmica não linear). Para os autores citados, essa visão mais ampla, inicialmente mantida por um grupo menor de economistas, pode ou não ser mantida pelos indivíduos que trabalham no limite (*edge*) da economia. Mas à medida que o trabalho no limiar progride e se acumula, ele muda o cerne da abordagem do economista e, eventualmente, cria uma nova ortodoxia centrada em uma visão de complexidade mais ampla.

3. Conclusões

Parafraseando Bianchi (2011), a partir da leitura das manifestações recentes sobre os rumos do *mainstream* na ciência econômica, constata-se um ambiente de grande controvérsia em que a opinião dos metodólogos da economia está longe de ser unânime.

Mas há certamente alguns pontos em que os metodólogos se põem de acordo. O primeiro deles é a constatação de que há mudanças importantes acontecendo, o que dá à fronteira do conhecimento nessa área uma notável característica de dinamismo. Essa opinião é praticamente consensual entre os autores Colander e colaboradores (2004). O segundo ponto é que, para o bem ou para o mal as mudanças constatadas não têm a dimensão das revoluções científicas de que trata Kuhn (2003 [1962]), que, como se sabe, tinha em mente a história das ciências físicas, e não das sociais.

Portanto, a tendência é da fragmentação da discussão metodológica em decorrência da renúncia a uma grande perspectiva unificada. Cada vez mais esse tipo de discussão abandona o cenário da economia como um todo e tende a processar-se no interior de cada programa de pesquisas ou, pelo menos, de alguns deles. Bem, é possível que isso

não esteja ocorrendo apenas na economia, mas seja, antes, um sinal dos tempos, compatível com as mudanças na ciência como um todo. Talvez a busca da grande teoria universal e unificada também esteja saindo de moda em outras ciências, como bem argumenta Gleiser (2010) a respeito da física.

É difícil visualizar o futuro ou mesmo avaliar um processo que está em curso. A pesquisa no campo da metodologia econômica não tem a pretensão de vencer esse desafio. Mas ela tem a obrigação de refletir sobre ele e de buscar o melhor ajuste possível entre o futuro que antevemos e o futuro que desejamos.

Em 2002, o psicólogo israelense Daniel Kahneman ganhou o Prêmio Nobel de Economia, ao lado do economista Vernon Smith, por estudos que forneciam uma visão integrada da psicologia na economia e utilizavam abordagem experimental. Diversas pesquisas empíricas realizadas no âmbito comportamental se seguiram e ganharam maior notoriedade na avaliação do processo de tomada de decisão.

Essa nova perspectiva levou Anache (2008) ao desafio de compilar os principais trabalhos não ortodoxos sobre Finanças Comportamentais, um novo e promissor campo de estudo, que incorpora aspectos comportamentais antes desconsiderados. E, em seguida, a publicação de um artigo sobre o tema (ANACHE; LAURENCEL, 2013).

É importante destacar dois trechos da conclusão desta dissertação:

Diante das contribuições das finanças comportamentais, esta poderia, então, ser ouvida com mais interesse e chegar mesmo a começar a influenciar algumas áreas antes dominadas inteiramente pela visão do *mainstream*. (...) Ao contrário do que possa parecer, tal turbulência por que passa a moderna teoria de finanças, é saudável para a ciência das finanças, pois estimulará o seu progresso. Tal crise é metodológica e, as correntes apresentadas, podem encontrar seu campo de aplicação, cabendo ao cientista escolher a metodologia mais adequada dependendo da situação e do objeto de estudo (ANACHE, 2008, p. 134-135).

Outro fato marcante em relação ao avanço na fronteira da economia, que se dá na forma de diversificação, foi o Prêmio Nobel de Economia recebido pelos economistas norte-americanos Eugene F. Fama, Lars Peter Hansen e Robert J. Shiller no ano de 2013. O destaque quanto ao uso de novas teses sobre as escolhas humanas ou sobre como a economia funciona é dado a Robert Shiller, que considera que fatores psicológicos e irracionais influenciam na tomada de decisões econômicas. Isso demonstra o quanto a ortodoxia está disposta a encampar sugestões de diferentes procedências, inclusive aquelas sopradas pela heterodoxia. O que nos faz perceber que uma visão mais pluralista vem se consolidando no atual estado da ciência econômica.

Diante do desafio reconhecível em várias frentes, torna-se necessário não apenas refletir, mas responder aos seguintes questionamentos: cada nova ortodoxia decorre, de fato, da heterodoxia que a precede no período pluralista? Dito de outra forma, quão nova é a nova ortodoxia em relação à do período anterior? Até que ponto as mudanças introduzidas pelo período de pluralismo são irreversíveis? Afinal, existe, de fato, um

pluralismo na Ciência Econômica ou um estado transitório em direção a um novo *mainstream*, pós-neoclássico?

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

ANACHE, M.C.A.; LAURENCEL, Luiz da C. Finanças Comportamentais: uma Avaliação Crítica da Moderna Teoria de Finanças. São Paulo: **Revista CADE/Mackenzie**, v. 12, n. 1, 2013. Disponível em: < <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cade/article/view/6331>>. Acesso em: 20 de nov. de 2019.

ANACHE, M.C.A. **Finanças Comportamentais**: uma avaliação crítica da moderna teoria de finanças. 2008. 149 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Programa de Pós-Graduação em Economia, Universidade Federal do Espírito Santo.

BECKETT, S. **Fim de partida**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BEN-DAVID, J.; COLLINS, R. Social Factors in the Origins of a New Science: The Case of Psychology, in BEN-DAVID, J. (ed.), **Scientific Growth**: Essays on the Social Organization and Ethos of Science. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 49-70, 1991.

BIANCHI, A.M.. O método na economia: desenvolvimentos recentes, questões e reflexões. Em: DUARTE, Pedro G.; ZILBER, Simão D.; GUILHOTO, Joaquim. (Orgs.). **O Brasil e a ciência econômica em debate**. 1ed. São Paulo: Saraiva, 2011, v. 2, p. 123-136.

BLAUG, M. **La Metodología de la Economía o Cómo explican los Economistas**. Alianza Editorial, Madrid, 1985.

CALDWELL, B.J. Does methodology matter? How should it be practiced? **Finnish Economic Papers**, v. 3, n. 1, p. 64-71, 1990.

COLANDER, D.; HOLT, R.P.F.; ROSSER, JR.; BARKLEY, J. The changing face of mainstream economics. **Review of Political Economy**, v. 16, n. 4, 2004.

COLANDER, D. The Death of Neoclassical Economics. **Journal of the History of Economic Thought**, v. 22, n. 2, p. 127-143, 2000.

DAVIS, J.B. The turn in recent economics and return of orthodoxy. **Cambridge Journal of Economics**, v. 32, p. 349-366, 2008.

ELSNER, W. State and Future of the ‘Citadel’ and of the Heterodoxies in Economics: Challenges and Dangers, Convergences and Cooperation. **European Journal of Economics and Economic Policies: Intervention**, v. 10, n. 3, p. 286-298, 2013.

GINTIS, H. A Framework for the Unification of the Behavioral Sciences. **Behavioral and Brain Sciences**, v. 30, n. 1, p. 1-61, 2007.

GLEISER, M.. **Criação imperfeita**. São Paulo: Record, 2010.

HANDS, D.W. **Reflections without rules**: economic methodology and contemporary science theory. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

HANSEN, L.P.; SARGENT, T.J. **Wanting Robustness in Macroeconomics**. Unpublished manuscript, University of Chicago and New York University, 2000. Disponível em: <<http://home.uchicago.edu/~lhansen/wanting.pdf>>. Acesso em: 25 de ago. de 2019.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. 7. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2003 [1962].

LAKATOS, I. **La metodología de los programas de investigación científica**. Madrid: Alianza, 1989 [1978].

POPPER, K. **O realismo e o objetivo da ciência** (pós-escrita à lógica da descoberta científica). Lisboa: Dom Quixote. 1987.

SARGENT, T.J. **Bounded Rationality in Macroeconomics**. Oxford: Clarendon Press, 1993.